

## Introdução

Durante algum tempo se pensou que a salvação cristã dizia respeito apenas à garantia de uma vida celeste, de maneira que a vida aqui na terra significava tão somente uma passagem até lá (caso a pessoa humana se mostrasse aprovada para tanto). Com isso houve um completo desprendimento e mesmo um desprezo por essa vida e pela história, distorção essa que a crítica de Nietzsche descobriu, transformando-a em exagero quando a confundiu com a essência do cristianismo. Todavia, absorver essa e outras críticas das quais o cristianismo foi alvo, criou a oportunidade de redescobrir aquilo que constituía uma verdade no tocante as implicações salvíficas ligadas à fé cristã: que a salvação está associada à realização da pessoa humana em todas as dimensões que compõe seu universo existencial. Além do que, tomando essas críticas com profunda honestidade teológica, pode ficar claro que as mesmas não passavam de uma distorção histórica pela qual passou a religião cristã.

Andrés Torres Queiruga, autor escolhido como base de nossa dissertação, trata a respeito desse tema de maneira muito honesta e corajosa. Seus escritos são um convite não apenas àqueles que aguardam uma posição da antropologia teológica cristã, mas também àqueles que buscam lapidar sua compreensão a respeito da salvação e seu enlace antropológico, sem o qual a mesma, de acordo com nosso autor, se tornaria inaudível ao homem hodierno. Sendo assim, buscaremos tratar o assunto em três momentos, divididos da seguinte maneira: 1) Criados para a salvação; 2) Salvação em processo e; 3) Salvação plena.

No primeiro capítulo buscamos fazer uma leitura simbólica do relato da criação do ser humano, de maneira que se possa notar que a criação já apresenta uma intenção salvífica. Com efeito, poderemos apontar na finalidade da ação criadora, que qualificada a vida deste ser que recebe a si mesmo como dom e que se percebe, não determinado em uma dimensão religiosa, mas vocacionado para a vida. Nisso consiste que a realidade que transpassa o evento da criação não é outra coisa senão a transitividade do amor divino e que, por isso, já está aberta a possibilidade de salvação, uma vez que o Deus bíblico aparece como o criador da felicidade. Amor que acompanha e que busca

junto à pessoa humana a oportunidade de uma mediação indispensável para que possa figurar na teia da realidade com toda sua eficácia histórica.

No segundo capítulo tomamos como meta apontar o liame dessa mediação: a liberdade como instrumento indispensável na construção do ser humano como realidade à caminho de sua realização/salvação, sem o qual o fato salvífico sequer pode ser pensado. Liberdade condicionada e finita, cercada por todos os lados pelo caráter carencial da finitude, apresentada por Queiruga como possibilidade para o mal no campo físico e moral e que passa representar um grande obstáculo para a realização/salvação da pessoa humana. Em especial o mal moral, uma vez que ele é resultado do fracasso da liberdade humana no momento em que esta envereda pelo caminho do fechamento e do egoísmo, em face de ter assumido em si a malícia das relações carenciais. Disso resulta a culpa e o pecado como percepção do fracasso dessa liberdade e como o lado apostado da ação salvífica de Deus. Todavia, o Deus que cria por amor revela seu perdão como caminho para a superação dessas situações-limite, convidando a pessoa humana a afirmar-se cada vez mais.

Já no terceiro capítulo buscaremos apresentar algumas reflexões a respeito da possibilidade da realização/salvação plena do ser humano. Para tanto, partimos das seguintes perguntas: como, apesar da realidade da finitude, da imperfeição da liberdade e mesmo do dinamismo biológico da pessoa humana, pode ser possível uma realização/salvação plena (vida eterna) sem romper com a coerência do real e de suas leis específicas? Como que a finitude pode ser infinitizada? A essas perguntas oferecemos como resposta o tema da esperança cristã, que passa pela imagem do inferno, tomada como linguagem interpretativa, até que na ressurreição de Jesus Cristo a possibilidade de realização plena se descortine e envolva a pessoa humana como esperança realizada.

Durante todo tempo uma compreensão atravessa as reflexões queiruguanas, a saber, que com a entrada da modernidade a teologia se vê desafiada a atualizar seus grandes temas teológicos dentro do novo referente cultural. Tarefa irrenunciável, da qual a relevância da própria fé chega a depender. E aliada a essa necessidade cultural vem aquela de natureza mais fundamental: de que nessas atualizações, reinterpretações, nenhuma delas se desprenda ou mesmo negue aquele núcleo mais genuíno e central de toda tradição cristã: Deus é amor!

Através de uma leitura não literalista desse tema bíblico e com liberdade hermenêutica para encará-lo dentro do novo paradigma, podemos, portanto, recuperá-lo e oferece-lo como resposta às perguntas que se desprendem dessa nova sensibilidade cultural, que surgem diante de nós como necessidade de dar razão da nossa fé (1 Pedro 3,15). Com efeito, poderemos compreender quais as implicações e o sentido que está por traz daquilo que denominados como salvação dentro da tradição cristã.